



# PROFESSORES NEGROS E NEGRAS DA REDE MUNICIPAL E ESTADUAL DE CRICIÚMA: NARRATIVA, IDENTIDADE E NEGRITUDE

## EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E MEMÓRIA

*Douglas Vaz Franco Santana<sup>1</sup>*  
*dougvazfrancos@gmail.com*

### **Introdução**

O projeto de pesquisa teve como objetivo buscar nas narrativas dos professores negros e negras da rede municipal e estadual de Criciúma características em comum nas memórias e trajetórias educacionais que valorizem as experiências culturais negras brasileiras. A primeira etapa consiste na leitura das obras *O Narrador e Experiência e pobreza*, de Walter Benjamin; *A identidade cultural na pós-modernidade*, de Stuart Hall; e *Negritude: usos e sentidos*, de Kabengele Munanga. Num segundo momento, foram feitas entrevistas semiestruturadas com professores negros e negras da rede municipal e estadual de ensino. Em seguida, a análise dos dados obtidos com foco nas categorias identidade, narrativa e negritude. Neste trabalho apresentaremos os resultados obtidos em nível de referencial teórico, com as leituras dos autores citados.

### **Resultados e Discussão**

Benjamin traz a experiência transmitida para os filhos, e a riqueza em saber passar essa experiência, mais especificamente a pobreza e a falta de saber conduzir essas memórias à diante, o empobrecimento da comunicabilidade das coisas que se experimentam. O texto com o que seria a perda da “Arte de narrar” (BENJAMIN, 1987, p. 200); em que “Quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação.”; explana que em outra geração anterior a ele (lembrando que o texto é de 1930) existia o momento da narrativa que seria “uma forma artesanal de comunicação” (BENJAMIN, 1987, p. 206); e que nas gerações posteriores o homem se enche de experiência mas nenhuma narrativa, uma das explicações seria de que “O homem de hoje não cultiva o que não pode ser abreviado”.

---

<sup>1</sup> Graduando de Geografia UNESC.



Com efeito, o homem conseguiu abreviar até a narrativa. Assistimos em nossos dias ao nascimento da shortstory, que se emancipou da tradição oral e não mais permite essa lenta superposição de camadas finas e translúcidas, que representa a melhor imagem do processo pelo qual a narrativa perfeita vem à luz do dia, como coroamento das várias camadas constituídas pelas narrações sucessivas. (BENJAMIN, 1987, p. 206):

O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer. Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida.

Tratando-se da leitura de Stuart Hall notamos que a própria identidade sempre foi uma questão a ser pensada com muito estudo, assim como outras variáveis em relação à formação atuação do ser humano no meio social. Avançando ainda mais, a abordagem desse livro e, principalmente, desses dois capítulos que serão fontes de estudo para a pesquisa, o autor traz a identidade cultural e a sua possível crise em meio à modernidade. Para facilitar a compreensão, Stuart Hall divide a questão em três concepções: sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno.

Sujeito do Iluminismo: fundamentada mais no individualismo, em que o centro do seu interior iria, idêntico a si de maneira externa, dizer sua identidade. Potencializando a capacidade da razão, da consciência e da ação.

Sujeito sociológico: fazendo alusão ao seu nome, essa teoria, por sua vez, fala a respeito da interação do eu com a sociedade. Dizendo que, o eu sozinho não é auto-suficiente para sua formação de identidade, e para a eficácia justa dela, seria necessário acrescentar as experiências vivenciadas em conjunto com o grupo social. Afirmando que o interior faz parte também do “eu real”, porém a cultura e fatores externos, relacionados ao vínculo que se está inserido, foram e são importantes na formação da identidade de um indivíduo.

Para a formação do sujeito pós-moderno, Hall diz que algumas críticas feitas sobre o sujeito sociológico foram o que contribuiu para o desenvolvimento dessa teoria. No entanto, surge a dúvida se o ser humano pode ou não ter várias identidades de acordo com as suas vivências, dando nisso a formação de um sujeito pós-moderno. A pluralidade do sujeito é constante, em diferentes espaços, adaptando-se ou não a uma nova identidade cultural e não unificada e permanente.

Por fim, com a leitura de “Negritude: usos e sentidos” levantou questionamentos importantes para o reconhecimento de um povo. Será que se tornaria necessária a



utilidade da realidade que muitos estudiosos questionam e nunca chegaram a um denominador comum como a negritude, sem a escravização e a colonização dos povos negros da África? Uma questão bastante reflexiva e complexa para limitar-se a uma área do conhecimento, por isso não somente a antropologia tem tomado esforços analisando a cultura, como a biologia, psicologia, política entre outras devem estudar para tentar compreender a complexidade da questão.

Notado que foram as condições históricas que provocaram o uso da negritude em todo um contexto escravocrata colonial, ainda é importante buscar a origem da desigualdade entre povos negros e brancos sem todos os planos. Para isso, fez-se necessário o paralelismo entre o biológico e o cultural, respectivamente, para a compreensão de quem ousou concluir de maneira legítima a inferioridade intelectual e moral que se diferem entre os dois.

A tentativa de assimilação dos valores culturais dos brancos pelos negros, através de uma literatura pseudocientífica acabou dando certo, pois assim a sua inferioridade deixa de ser teórica causando uma crise de consciência negra que vem sendo forjada dentro da escola do seu próprio colonizador. Segundo Munanga (1988), “Ele se convence de que o único remédio para curar sua inferioridade, a salvação, estaria na assimilação dos valores culturais do branco super potente. Essa fase de absorção do branco pelo negro é chamada de embranquecimento cultural”.

Entretanto, a história não seguiu dessa maneira, ainda bem. Alguns motivos levaram o negro a recusar esse embranquecimento e voltar às raízes. O decorrer disso tudo conta que as línguas ocidentais foram bem domesticadas pelos intelectuais negros, e eles até passaram a ter acesso às disciplinas científicas nas universidades europeias e com isso não aceitavam nada menos do que tratamento igualitário. Claro, que para a supremacia da sociedade com seus sistemas ainda escravocratas, os negros permaneceram inferiores e assim tornou-se possível uma esperança de mudança com a retomada de si, de suas origens sócio-culturais em contrapartida ao embranquecimento cultural. E a esse retorno, chamamos de negritude, usado não para revolta aos seus colonizadores de maneira agressiva, mas de olhar para trás e reconhecer a sua raiz e lutar por espaço e igualdade em meio aos sistemas que ainda não foram desmantelados.

A realidade agora vivida e vívida dos negros trazendo consigo a força e importância do termo enquanto coletivo emancipatório, sofreu críticas até de sua legitimidade com a ideia de que a negritude tem sido o próprio movimento dizendo sim à inferioridade do negro forjada pelo branco, afirmando que era uma mistificação



colonial e por isso era incapaz de criar uma ruptura na história da luta de um povo. Porém, não é coerente a ideia devido à eficiência da negritude nas independências africanas ao longo das décadas e libertação dos negros na diáspora que ainda eram vítimas do racismo branco.

### Considerações Finais

Os referenciais lidos se interligam em vários pontos. Nos dois textos de Benjamin é mais evidente, pois falam de comunicabilidade ou a falta dela. Hall discorre sobre a questão da narrativa e experiência como parte da identidade, interligando diretamente a Munanga que resgata a identidade do negro enquanto cidadão. O entendimento desses conceitos está sendo de extrema importância para a análise das entrevistas, que ainda estão em andamento, mas que já foi possível ser notado alguns aspectos ou a falta deles.

### Referências

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense S.a., 1987. p. 197-221.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 2. ed. São Paulo: Ática S.a, 1988.